

A EMOÇÃO DAS CORES NO LIVRO INFANTIL, *A MENINA CAPU E AS TINTAS MÁGICAS*, DE MARTA COCCO

Andressa Evellyn de Freitas¹
Rosana Rodrigues da Silva²

Resumo: Um dos recursos mais utilizados e indispensáveis em ilustrações de livros infantis é o uso das cores. A leitura da cor permite inferir diferentes significados simbólicos que enriquece o conteúdo da obra. A cor pode expressar emoções, bem como provocar diversas sensações no leitor. Uma cor e seus diferentes tons podem influenciar ou reforçar determinadas compreensões, principalmente para as crianças que ficam encantadas com o colorido dos livros infantis. Diante disso, este artigo analisa a coerência intersemiótica entre narrativa e ilustração em três ilustrações da obra *A menina Capu e as tintas mágicas* (2021), livro que nasceu da seleção das telas já existentes da artista plástica Capucine Picicaroli, falecida em 2018. O estudo de algumas ilustrações nessa obra tem como base a psicologia das cores, pesquisa desenvolvida por Eva Heller (2012), que mostra como as cores afetam a emoção e a razão. A relação do texto literário, de Marta Cocco, com as telas da pintora Capucine Picicaroli, resultou em uma obra artística coesa em que, a cada ilustração, foi possível reconhecer a coerência intersemiótica. As duas linguagens, dessa forma relacionadas, singularizam a leitura e permitem que possamos ler e interpretar não somente o texto escrito, mas apreciar e compreender o colorido das ilustrações. Nessa perspectiva, os leitores são sensibilizados a entender a história de vida da artista por meio de sua própria arte. A partir da seleção de telas da artista Capucine, a escritora Marta Cocco pode dar novos sentidos às imagens plásticas, partindo, portanto, da imagem para o texto verbal, dialogando com as cores de predominância quentes e seus acordes cromáticos que reportam o leitor para um universo mágico, em que o sonho da artista se faz presente, compartilhado pelo texto literário da autora.

Palavras-chave: psicologia das cores, ilustração, literatura infantil.

THE EMOTION OF COLORS IN THE CHILDREN'S BOOK, *A MENINA CAPU E AS TINTAS MÁGICAS*, BY MARTA COCCO

Abstract: One of the most used and indispensable resources in children's book illustrations is the use of colors. The reading of color allows us to infer different symbolic meanings that enrich the content of the work. Color can express emotions, as well as provoke different sensations in the reader. A color and its different tones can influence or reinforce certain understandings, especially for children who are delighted with the coloring of children's books. Therefore, this article analyzes the intersemiotic coherence between narrative and illustration in three illustrations of the work, *A Menina Capu e as Tintas Mágicas* (2021), a book that was born from the selection of existing canvases by the artist Capucine Picicaroli, who died in 2018. The study of some illustrations in this work is based on the psychology of colors, a research developed by Eva Heller (2012), which shows how colors affect emotion and reason. The relationship

¹ Bolsista de Iniciação Científica pela FAPEMAT. Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso - Campus Sinop (MT). E-mail: andressa.freitas@unemat.br.

² Orientadora de Iniciação Científica. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso, Doutora em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto. E-mail: rosana.silva@unemat.br.

between the literary text, by Marta Cocco, and the canvases of the painter Capucine Picicaroli, resulted in a cohesive artistic work in which, with each illustration, it was possible to recognize the intersemiotic coherence. The two languages, thus related, make reading unique and allow us to read and interpret not only the written text, but also to appreciate and understand the color of the illustrations. From this perspective, readers are sensitized to understand the artist's life story through her own art. From the selection of canvases by the artist Capucine, the writer Marta Cocco can give new meanings to plastic images, starting, therefore, from the image to the verbal text, dialoguing with the predominant warm colors and their chromatic chords that report the reader to a magical universe, in which the artist's dream is present, shared by the author's literary text.

Keywords: color psychology, illustration, color, children's literature.

Introdução

Um dos recursos mais utilizados e indispensáveis nas ilustrações de livros infantis atualmente é o uso das cores. A cor traz diferentes significados e simbologias, além de produzir múltiplos conteúdos e leituras. A cor pode auxiliar na expressão de pensamentos e emoções, bem como provocar diversas sensações no leitor. Uma cor e seus diferentes tons podem influenciar ou reforçar determinadas compreensões, principalmente para as crianças que são mais atraídas e se mostram mais sensibilizadas pelas imagens coloridas.

Diante disso, pretendemos analisar de que maneira o trabalho com as cores, por meio da coerência intersemiótica entre texto e ilustração, na obra infantil *A menina Capu e as tintas mágicas* (2021), de Marta Cocco e Capucine Picicaroli, contribui para sensibilizar os leitores mirins. A obra foi inspirada na vida da artista plástica cuiabana, Capucine Picicaroli, portanto não se trata de ilustração de uma história infantil, mas de um diálogo da autora com as pinturas da artista. A escritora é natural do Rio Grande do Sul, doutora em Letras e Linguística e professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da universidade estadual do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

A autora já publicou cinco livros de poemas, dois de crítica literária, um de contos e sete infantis: *Lé e o Elefante de lata* (2013) e *Doce de formiga* (2014), ilustrados por Marcelo Velasco; *Sabichões* (2016), ilustrado por Vanessa Prezoto, aprovada pelo PNLD de 2018; *Escrituras animais* (2020), ilustrado por Francisco de Assis; *Meu corpo é uma fabricazinha?* (2020) e *As coisas cansadas das mesmas coisas* (2021), ilustrados por Queila Miranda; *A menina Capu e as tintas mágicas* (2021), inspirados nas pinturas de Capucine Picicaroli.

A análise semântica das cores e seu efeito nas impressões e emoções humanas foi embasada nos estudos da psicologia das cores de Eva Heller (2013) e Modesto Farina (2006).

1 A literatura infantil e a ilustração

Os contos da tradição oral podem ser considerados os antecessores da literatura infantil. Cecília Meireles aponta, em sua obra *Problemas da literatura infantil* (1979), que a literatura tradicional, ou popular, foi a primeira a instalar-se na memória da criança. No entanto, com o passar do tempo, a figura do narrador de carne e osso acabou sendo substituída pela literatura escrita, pelo livro enquanto objeto. Logo, as situações presentes nas histórias, que antes eram mediadas pelos narradores, passaram a ser representadas pelos aspectos visuais, principalmente pela ilustração.

Foi durante o classicismo francês que algumas histórias foram incluídas como literatura para a infância, apesar de ainda não haver uma literatura infantil, pois o conceito de infância ainda não era definido tal como é hoje. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), as primeiras obras publicadas visando especificamente ao público infantil apareceram apenas na primeira metade do século XVIII.

No século XIX, os irmãos Grimm editaram sua primeira coleção de contos de fadas, que se converteu em sucesso e referência de literatura para crianças. A partir de então, definiram-se quais tipos de livros agradavam mais aos pequenos leitores, tais como histórias fantásticas (*Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll e *Peter Pan*, de James Barrie) e representações do cotidiano (*Os ovos de Páscoa*, de Cônego von Schmid e *Heidi*, de Johanna Spiry). A aventura passou a ser recorrente na literatura para crianças e jovens, assim como a tematização da infância, com personagens bichos e bonecos animados que simbolizaram e deram significado à interioridade da criança.

Apesar de terem surgido na França, foi na Inglaterra que houve a difusão do gênero devido ao período de industrialização e modernização que despontava na época. Desde seu início, a literatura infantil foi tratada como mercadoria devido ao contexto político-econômico em que foi difundida. Além disso, “a revolução industrial do século XIX marca o desenvolvimento da qualidade gráfica dos livros para crianças” (RAMOS e PANOZZO, 2004, p. 2). No entanto, as ilustrações que a acompanhavam tinham a finalidade de apenas enfeitar, esclarecer ou informar.

Foi na década de 1860 que surgiram nomes de grande relevância para a história do livro ilustrado, como Edmund Evans, gravador e impressor inglês “que utilizava a técnica de cromolitografia, que consiste na impressão colorida com blocos de madeira” (POWERS, 2008 apud ALMEIDA, 2020). Evans, porém, elevou a técnica para um nível mais avançado de detalhamento, cores e qualidade técnica, o que resultou na produção de um dos primeiros livros ilustrados, como *Sing a song for sixpence* (1887), de Randolph Caldecott.

Assim, o caráter de ornamentação destinado à ilustração foi sendo alterado, criando uma leitura completa de texto e imagem. Ainda que possamos encontrar o significado da palavra ilustração nos dicionários como tendo a finalidade de enfeitar ou esclarecer, as pesquisadoras Ramos e Panozzo (2004) alertam que a ilustração não pode ser caracterizada apenas como um “complemento para a leitura”; é preciso reconhecer que ambas as linguagens, do texto e da imagem, atuam no processo de concretização do livro pelo leitor.

Além disso, a composição das páginas ilustradas passou a ser pensada de uma forma em que texto e imagem se entrelaçassem por meio de uma composição gráfica, proporcionando uma leitura completa dos elementos. De modo mais comum, segundo Almeida (2020, p. 21), a opção era que houvesse a separação de cada linguagem em páginas diferentes, normalmente o texto na página par e a ilustração na página ímpar. Um exemplo dessa técnica são algumas das ilustrações de Walter Crane, que trabalhava a integração do texto em suas ilustrações.

No Brasil, as ilustrações de Voltolino, o mais importante caricaturista de São Paulo, no início do século XX, inauguraram as obras de Monteiro Lobato, como *A menina do narizinho arrebitado* (1920), em que mesmo sendo próprio para crianças, o desenho não é infantilizado; pois o ilustrador “não adapta seu desenho e nem angeliza seu traço” (CAMARGO, 1998, p. 60).

Os avanços tecnológicos nos meios de impressão facilitaram o processo criativo do uso das cores, permitindo que os ilustradores desenvolvessem e inovassem cada vez mais sua arte, utilizando recursos que outrora não estavam ao alcance. Atualmente, as crianças praticamente nascem expostas à tecnologia e recebem por horas todo o tipo de estímulos visuais de todas as cores, formas e tamanhos, por meio dos celulares e televisores. O livro infantil, nesse contexto, tem sido aperfeiçoado, valendo-se de recursos que possam despertar a curiosidade ou emocionar, garantindo a atenção e

interesse do leitor que, desde muito cedo, vive em meio a um turbilhão de estímulos e informações.

O colorido dos livros tem a função de tonar a história atraente, instigando a imaginação de quem lê, mas também consegue trazer diferentes significados e simbologias às histórias, além de produzir múltiplos conteúdos e leituras. A cor pode ser usada para estimular pensamentos e emoções, bem como para provocar diversas sensações no momento em que o leitor apreende e interpreta cada imagem. Dessa forma, o contato da criança com diversos tipos de ilustrações propicia, por exemplo, o seu refinamento interpretativo, estimulando o imaginário e a participação ativa na descoberta dos significados do texto global.

Pensando nisso, “o design gráfico de um livro ilustrado contemporâneo é trabalhado no intento de usar o suporte e os elementos gráficos da obra para ampliarem os sentidos da leitura” (ALMEIDA, 2020, p. 32), de forma que todos os elementos presentes completem a narrativa e prendam a atenção do leitor mirim. Logo, o ilustrador deve contemplar as diferentes “*nuances* cromáticas desejadas no momento da criação” (MAYOR, 2018, p. 44), uma vez que através das cores interpretamos e damos sentidos ao mundo ao nosso redor. Uma cor e seus diferentes tons podem influenciar ou reforçar determinadas compreensões, bem como despertar memórias e emoções.

Para tentar compreender tal fenômeno, várias áreas do conhecimento se debruçaram sobre o assunto, como a física e a medicina. Diante disso, partiremos do estudo do premiado artista, professor Israel Pedrosa, autor do livro *O universo da cor* (2008), para esclarecimentos de alguns conceitos básicos. Pedrosa foi aluno de Cândido Portinari, fundador da cadeira de História da Arte na Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor na mesma universidade. Aprofundou seus estudos sobre a “cor inexistente”, apoiando-se em Goethe, o que lhe proporcionou uma bolsa da embaixada alemã e o Prêmio Thomas Mann, em 1973.

De acordo com Pedrosa, a cor é uma “sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão” (2008 p. 19). Ou seja, não é algo concreto, apenas a reconhecemos através de nossos sentidos. A cor pode ser entendida tanto como a sensação cromática como o estímulo que a provoca. As cores apreendidas e percebidas decorrem da fragmentação da luz, que é convertida em três grupos de comprimento de onda, caracterizando as cores-luz: vermelho, verde e azul, chamadas de cores primárias.

Já as cores secundárias são obtidas a partir da mistura entre as cores primárias, como por exemplo a cor verde, que resulta da mistura do azul com o amarelo. As cores terciárias são alcançadas com a mistura entre as cores primárias e secundárias, como a cor amarelo-alaranjada, obtida através da combinação do amarelo e do laranja. Tais categorias compõem o círculo cromático, uma representação simples das cores percebidas pelo olho humano.

Na análise do círculo cromático, é necessário entender também as Leis de Harmonização que se baseiam em três pilares: as cores análogas (que estão lado a lado no círculo cromático, criando uma sensação de unidade); cores complementares (opostas no círculo cromático e de maior contraste); e cores complementares decompostas (que se posicionam de maneiras equidistantes, formando um triângulo, com efeito de alto contraste). Essas cores possuem propriedades principais básicas, podendo ser chamadas de matiz (a cor em si mesma); de saturação (a intensidade da cor, dividida em vivas e puras ou opacas e acinzentadas) e de luminosidade (define o grau de claridade ou obscuridade de uma cor).

Além disso, as cores também podem ser divididas entre frias (predomínio do azul) e quentes (predomínio do vermelho). O contraste entre elas nos dá uma sensação de temperatura. De acordo com Mayor (2018), a primeira pode ser associada à calma, tristeza e medo, enquanto a segunda pode ser associada à alegria, conforto e violência.

Contudo, não é possível definir um valor específico para cada cor, pois os seus significados são variáveis, devido aos fatores culturais e sociais envolvidos. Assim, em razão de sua natureza abstrata, as cores podem provocar diferentes interpretações.

O recurso da cor é muito eficaz e rápido quando se trata de transmitir uma mensagem; de fazer compreender, ressaltar ou ressignificar ideias, porque é capaz de manipular nossos sentimentos. Por isso, a utilização da linguagem cromática nas obras contemporâneas é recorrentemente utilizada como recurso narrativo e em diferentes graus de relevância para a narrativa, apresentando diferentes estilos, dimensões e diversidade (SOUZA, 2014, p. 30).

A escolha deliberada de determinados tons, a preferência por uns e não por outros, revela uma paleta específica, escolhida com base em relações tonais ou em convenções sociais e culturais. Para Almeida (2020), a cor, relacionada a outros elementos do projeto gráfico, pode ser uma potência poética dentro da narrativa, de maneira a ampliar os significados e contribuir para diferentes leituras, ao contribuir

para a criação de significados que se estabelecem antes do texto verbal, perpassando pelo universo da fantasia e infância.

Seja na literatura, na publicidade, na psicologia, dentre muitas outras áreas, o uso das cores é uma recorrência pensada para impactar de alguma maneira o receptor da mensagem. O significado da cor pode divergir, dependendo do contexto sociocultural inserido. Na publicidade, o vermelho é utilizado nas vendas para induzir sensação de urgência e atenção; já em outros contextos, como por exemplo, em obras artísticas, pode significar amor, sensualidade ou raiva. Na área da saúde os profissionais vestem cores brancas para transmitir sensação de calma e higiene, mas em outros espaços pode significar paz, reverência e pureza.

Segundo Farina (2006), as cores possuem diferentes vibrações que causam efeitos únicos em nossos sentidos, sensações, impressões e emoções. Dependendo do contexto, as mesmas cores podem emanar vibrações positivas ou negativas, pois sofrem influências psicológicas e socioculturais.

Na literatura, é importante reconhecer que a ilustração é constituinte de uma linguagem própria, por isso, não deve ser tratada como apenas um complemento para a leitura, principalmente ao se tratar de livros infantis, como defendem as pesquisadoras Ramos e Panozzo (2004).

O escritor e ilustrador Luís Camargo (1999), que se dedicou ao estudo da ilustração, afirma a partir de suas pesquisas que a ilustração estabelece uma relação semântica com o texto. Pelo fato de estarmos tratando de dois tipos de linguagem, a verbal e a visual, a coerência na obra ilustrada pode ser analisada de forma intersemiótica. Essa coerência é entendida como a relação de convergência, desvio ou contradição entre os significados da ilustração e do texto. A ilustração não se resume a uma paráfrase, a um ornamento do texto verbal, mas a uma relação de coerência de sentidos. Ao criar ilustrações que possam convergir com o texto, os ilustradores refletem não somente sobre o tipo de desenhos e traços, mas também sobre a escolha das cores que deverão criar uma harmonia de sentido nas páginas, a fim de que a leitura impacte de maneira efetiva.

Segundo Camelo, a ilustração “é o resultado de um processamento de ideias que se completam. Letra e imagem se estabelecem formando um par significativo” (2012, p. 110). Diante disso, a ilustração possui uma função relacional com o texto escrito que resulta em convergência ou contradição entre os significados denotativos e conotativos dos textos, visual e verbal.

É importante lembrar que cada cor pode produzir muitos efeitos dependendo do contexto. Frequentemente uma cor estará cercada por outras cores, formando um conjunto de efeito com determinado sentido, chamado de acorde cromático. A combinação das cores determina o efeito da cor principal. “Não existe cor destituída de significado” (HELLER, 2013, p. 23) e a impressão causada por ela é determinada pela união dos significados. Segundo Heller (2013), cada acorde cromático é composto por cerca de duas a cinco cores. Não é apenas a cor principal que caracteriza uma impressão ou sentimento, mas sim o acorde de todas as cores mais frequentemente citadas.

2 A emoção das cores em *A menina Capu e as tintas mágicas*, de Marta Cocco

A narrativa da obra foi inspirada na vida e obra da artista plástica, Capucine Piccaroli, que faleceu em 2018, após lutar contra um câncer. Portanto, a composição da narrativa do livro infantil foi realizada posteriormente à criação artística das telas, em homenagem a uma das artistas mais emblemáticas de Mato Grosso. O texto literário escrito por Marta Cocco foi baseado em 23 telas da artista, que além de ilustradora, tornou-se a personagem principal da história, a Majestade. O livro narra a história da menina Capu que, após ganhar um conjunto de tintas mágicas de presente de sua mãe, consegue viajar pelas paisagens de suas pinturas. Dessa forma, a menina protagonista vive aventuras dos contos de fadas infantis e permite a incursão pela memória, revelando-nos as lembranças de momentos com a mãe. As ilustrações coloridas que dividem espaço com as páginas escritas convidam o leitor para vivenciar a memória afetiva da menina Capu.

Nas páginas abaixo, o acorde cromático composto por azul, violeta, verde e laranja causam impressão repleta de fantasia, podendo simbolizar o prazer das ideias fora do lugar, o universo *non sense* da menina viajante. Tais acordes convergem para o sentido do texto escrito, pois se trata de uma das viagens de Capu aos contos de fadas. Nesta ilustração, temos um chá da tarde entre Capu e as personagens Alice, o Chapeleiro Maluco, o coelho e o Gato de Cheshire, do conto maravilhoso de *Alice no País das Maravilhas*, escrita por Lewis Carroll.

Figura 1

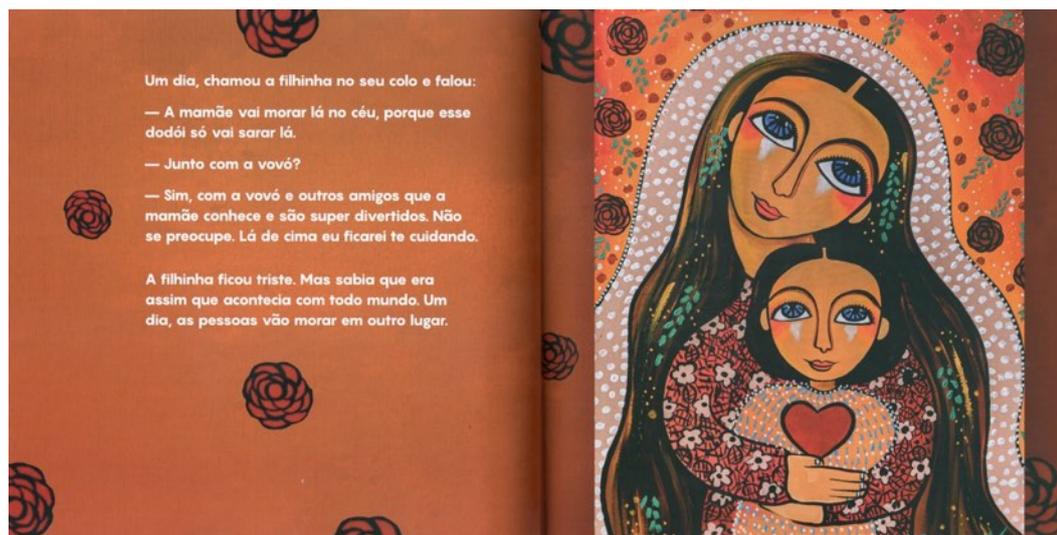


Fonte: COCCO, Marta. *A menina Capu e as tintas mágicas*, 2021.

Além disso, esse acorde aliado ao vermelho denota simpatia, e com o preto evoca a amplitude do espaço. A predominância do laranja, aliado ao amarelo, vermelho, azul e verde, traz para a página o cenário de recreação e diversão. O colorido da face do chapeleiro e do coelho, posto ao lado, estão em sintonia com o cenário alaranjado, revelando que ambos participam do mundo fantástico. Tais elementos auxiliam no processo de interpretação da imagem, pois convergem com o texto. Apesar de a hora do chá se tratar de um momento solene, como enfatizado pelo preto, a cena retrata um momento caloroso, divertido, repleto de simpatia, em que a menina Capu conversa e interage com as personagens do conto, passando a fazer parte deste universo de fantasia.

Na sequência, a menina Capu é ilustrada, já adulta e doente, despedindo-se da filha. Os acordes presentes na imagem são compostos pela predominância do marrom, combinado a cores ensolaradas/luminosas como laranja, amarelo, verde e azul. Esse acorde cromático harmoniza-se com a tristeza provocada pela despedida, com as lágrimas de mãe e filha. O marrom combinado com o ouro, laranja e o amarelo simbolizam o outono, a estação da queda das flores, sendo também ligada à melancolia ou renovação. O texto verbal ao lado revela o diálogo em que Capu adulta se emociona com a separação da filha, em consonância com a imagem de ambas unidas pelo afeto.

Figura 2

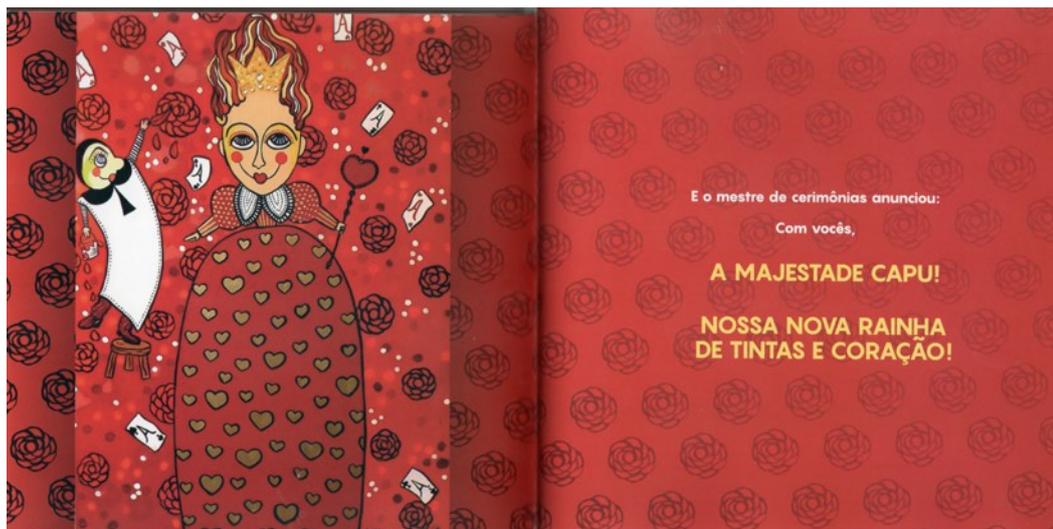


Fonte: COCCO, Marta. *A menina Capu e as tintas mágicas*, 2021.

O acorde, formado pelo branco, verde, marrom e azul, permite a sensação tranquilizadora, o que é harmonizado com o desenho do véu branco, cobrindo mãe e filha e representando um momento sagrado, celestialmente especial entre as duas. A composição do vermelho, amarelo e laranja denotam o calor, o afeto existente. A cor verde adicionada à imagem da mãe que abraça a filha auxilia no significado de proximidade intuído pelo gesto. Todos os acordes apresentados convergem para o sentido final do momento especial de tristeza e santidade que recobre a imagem da mãe. Os acordes presentes permitem a compreensão de um cenário de afeto, caloroso entre as duas, mesmo que seja uma situação triste em que a mãe, com muita delicadeza, prepara a filha para sua partida.

Após um período sem pintar e sem viajar pelo universo encantado dos contos de fadas, a menina volta a viajar e se encontra com o personagem Pinóquio. Nessa pintura, Capu é apresentada como rainha “de tintas e cores” e é acolhida para que permaneça neste mundo mágico. Nesse sentido, ao invés de pintar a tristeza causada pela morte, a artista prefere o eufemismo, a fim de mostrar a menina feliz, reinando nos contos de fadas e sendo proclamada a nova rainha.

Figura 3



Fonte: COCCO, Marta. *A menina Capu e as tintas mágicas*, 2021.

Nesse sentido, a cor predominante da tela é o vermelho que, combinado com o dourado e o preto, representa o poder. A ilustração da figura da Rainha de Copas, toda em vermelho, colabora para o sentido majestoso, em harmonia com a página. Anteriormente, o violeta era considerado a cor da nobreza, porém devido ao alto custo da produção de peças com essa cor, o vermelho passou a ser associado à realeza e ao clero, por associação ao sangue de Cristo. Ao lado do dourado, que denota riqueza, o acorde cromático das cores vermelho e preto representa poder e prestígio. O desenho de corações na roupa da rainha pode ser considerado como representação do amor das personagens por Capu, convergindo para o sentido de acolhimento dos personagens da narrativa. As rosas presentes no cenário exercem a função estética, ao transmitir beleza nas páginas duplas, como também a função simbólica, denotando vida e transformação no simbolismo da travessia de mundos.

Considerações finais

Ainda são poucos os estudos sobre o sentido das cores nas ilustrações literárias como complemento para influenciar ou reforçar determinadas compreensões, por isso, é interessante que o tema seja trabalhado, principalmente na literatura infantil, pois se trata de um gênero literário em que o recurso de imagens é praticamente indispensável. O estudo da ilustração torna possível perceber que as cores e os sentimentos e/ou impressões não se combinam por acaso.

A relação do texto literário, de Marta Cocco, com as telas da pintora Capucine Picicaroli, resultou em uma obra artística coesa em que a cada ilustração foi possível reconhecer a coerência intersemiótica. As duas linguagens, dessa forma relacionadas, singularizam a leitura e permitem que possamos ler e interpretar não somente o texto escrito, mas apreciar e compreender o colorido das ilustrações. Por esta perspectiva, os leitores são sensibilizados a entender a história de vida da artista por meio de sua própria arte.

Posteriormente ao falecimento da artista Capucine, Marta Cocco selecionou e compôs as telas que dialogaram com a narrativa, dando novos sentidos às imagens plásticas. As tintas mágicas permitem à menina Capu viajar pela memória das histórias dos contos de fadas, mas permitem também reproduzir seus sonhos em telas para que os leitores possam acompanhá-la na incursão pela memória.

Os acordes cromáticos, selecionados e trabalhados pela artista, trazem simbolismos decorrentes dessa viagem. O diálogo com a obra *Alice no País das Maravilhas* revela o desejo da menina Capu que, assim como Alice, necessita aventurar-se pelo desconhecido em busca de seus sonhos. O colorido do laranja, aliado ao amarelo e vermelho, inspiram a alegria desse encontro da menina com os personagens dos contos fantásticos. Por outro lado, a predominância do marrom, combinado a cores verde e azul, sugere o sentimento de tristeza e melancolia, vivenciado pela Capu adulta que necessita separar-se da filha, diante da proximidade da morte.

Contudo, na composição da última tela, presente no livro, Capu é apresentada como rainha “de tintas e cores”, com predominância da cor vermelha, combinada com dourado e preto. O efeito desse acorde sugere um novo contexto de transformação, em que a menina coroada finalmente poderá livrar-se do sentimento de tristeza, pois é acolhida e protegida em seu novo mundo.

Em todas as telas do livro, as cores de predominância quentes, com acordes cromáticos que variam do laranja, marrom e dourado, reportam o leitor para um universo mágico, em que o sonho da artista se faz presente, compartilhado pelo texto literário da autora.

Referências

ALMEIDA, Luara Teixeira de. **A linguagem cromática nos livros ilustrados: a cor como potência poética do narrar**. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação de Estudos em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do Livro Infantil**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1998.

CAMARGO, Luís. Poesia infantil e ilustração. Estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles. **Revista Sínteses**, vol. 04, p. 63-69. 1999. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/viewFile/6117/6834>. Acesso em 6 de fevereiro de 2021.

CAMELO, Marco Antônio da Costa. A ilustração no texto literário infantojuvenil. **Sentidos da Cultura**, Belém, n. 2, p. 100-112, jan. 2015.

COCCO, Marta. **As coisas cansadas das mesmas coisas**. Ilustração de Queila Miranda. Tangará da Serra: Gesto, 2020.

COCCO, Marta. **A menina Capu e as tintas mágicas**. 1ª ed. Cuiabá: Ed. da autora, 2021.

FARINA, Modesto et al. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo, Edgar Blecher: 2006.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: – história e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

MAYOR, Gabriela Sotto. A semântica da cor e suas implicações simbólicas face às ilustrações dos livros premiados pelo prêmio nacional de ilustração (2000-2009): a voz das crianças. In: AZEVEDO, Fernando *et al.* **Estudos da Criança**. Diversidade de olhares. Braga: Instituto de Educação, 2018. p. 25-48.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1979. (Coleção Novas Buscas em Educação; Vol. 3).

PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto; PANOZZO, Neiva Senaide Petry. **Entre a ilustração e a palavra: buscando pontos de ancoragem**. Espéculo: Revista de Estudos Literários, Madrid, n. 26, mar. 2004.

SOUZA, Paula Isabelle Teixeira de. **A cor e sua aplicação prática: da teoria da cor, criação de paletas e seu uso em ilustração**. 2014. 57 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.